
The Social Representation of Slangs in The Experience of Today's Affective Relationships of Young People

A Representação Social das Gírias na Vivência dos Relacionamentos Afetivos dos Jovens na Atualidade

Received: 2023-02-10 | Accepted: 2023-03-20 | Published: 2023-03-30

Vitória Santana de Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2585-1456>

Faculdade Pernambucana de Saúde, Brasil

E-mail: psicologa.vitoriamenezes@gmail.com

Beatriz Sthefany França do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4601-2803>

Faculdade Pernambucana de Saúde, Brasil

E-mail: beanascimento2244@gmail.com

Mônica Cristina Batista de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8504-5501>

Faculdade Pernambucana de Saúde, Brasil

E-mail: monicacbmelo@gmail.com

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4790-8203>

Faculdade Pernambucana de Saúde, Brasil

E-mail: claramabarros@gmail.com

ABSTRACT

Currently, it is observed that the slangs are used to name affective relationships. The aim of the present study was to analyze how young people name, using slang or not, and describe their affective experiences. This is a qualitative research, carried out with students from a health college in Recife-PE, in 2022. A sociodemographic questionnaire and interview were used. Students aged 18 to 25 years of both sexes in an affective relationship participated. The thematic analysis resulted in four categories: definition and importance of the affective relationship; commenting on slang and affective relationships; importance of slang related to affective relationships; social contribution of slang. The results conclude that young people use the slangs crush, ficante and peguete to name their relationships, however, they present some divergences regarding their connotation, concept and behavioral description. Further studies on the subject are suggested to minimize the likelihood that the use of such slang will result in violence in relationships.

Keywords: Social Psychology; Young Adult; Social Relations; Social Representation;

RESUMO

Atualmente observa-se a utilização de gírias para nomear relações afetivas. O objetivo do presente estudo foi analisar como os jovens nomeiam, utilizando gírias ou não, e descrevem suas vivências afetivas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com estudantes em uma faculdade de saúde do Recife-PE, em 2022. Utilizou-se questionário sociodemográfico e entrevista. Participaram estudantes de 18 a 25 anos de ambos os sexos em relacionamento afetivo. A análise temática resultou em quatro categorias: definição e importância do relacionamento afetivo; comentando sobre as gírias e os relacionamentos afetivos; importância das gírias relacionadas ao relacionamento afetivo; contribuição social das gírias. Os resultados

concluem que os jovens utilizam das gírias crush, ficante e peguete para nomear seus relacionamentos, porém, apresentam certa divergência quanto à sua conotação, conceito e descrição comportamental. Sugere-se novos estudos sobre o tema objetivando minimizar a probabilidade do uso de tais gírias resultarem em violências nas relações.

Palavras-chave: Psicologia Social; Adulto Jovem; Relações Sociais; Representação social;

INTRODUÇÃO

A representação social trata-se de um fenômeno psicossocial que nasceu na Sociologia clássica e também Antropologia, cujas teorias desenvolveram-se sobretudo em torno das obras de Durkheim e Lévy-Bruhl (MOSCOVICI, 1979). A representação social é uma temática da Psicologia Social, e esta vem possibilitando um novo olhar sobre os indivíduos e como eles interagem socialmente. Nessa perspectiva é possível pensar nas representações não apenas como fatos sociais coletivos, mas como representações sociais construídas a partir das interações dos sujeitos (GONÇALVES, 2010). Sendo assim, compreende-se as representações sociais como conhecimentos práticos na qual se desenvolvem relações do senso comum, que são formadas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais (MOSCOVICI, 1979).

Entende-se que as representações sociais são constituídas pelas relações sociais de um grupo, o qual possui suas próprias características e identificação, fazendo com que a representação criada apresente um estereótipo ligado ao grupo que a criou. Tais estereótipos são compreendidos como um recurso que acrescenta e tende a formar um espaço para aproximar e propiciar reconhecimento através da concentração do mesmo (LYSARDO-DIAS, 2007). Com isso, compreende-se que o estereótipo está relacionado com as imagens convencionais que as sociedades em geral têm sobre determinados aspectos sociais de seus participantes, ou seja, são as imagens cristalizadas (GONÇALVES, 2010). Dessa forma, na perspectiva desse mesmo autor, compreende-se que as representações sociais residem na busca pela identidade de um determinado grupo social, por imagens, símbolos e falas, permitindo que este se destaque e se diversifique em um vasto mundo cheio de cultura, revelando marcas específicas de um grupo.

Sabe-se que os grupos sociais se comunicam por meio de linguagem. É por meio desta que ocorre, de acordo com Preti (1984), a constituição de novas linguagens singulares a cada grupo. Segundo os teóricos, essa forma de linguagem singular possibilita ao grupo uma marca original, componente de autoafirmação, levando a verdadeira realização pessoal, tornando-se então um símbolo do grupo, também em outras palavras, a linguagem torna-se um aspecto da identidade pessoal (GONÇALVES, 2010). Com base nisso, pode-se compreender que a criação

de novas palavras decorre do desejo de originalidade, do sentimento de pertencimento e do reconhecimento do sujeito por estar inserido em sua sociedade, como a gíria.

Segundo Preti (1984), a gíria pode ser dividida em dois tipos: a “gíria de grupo” e a “gíria comum”. A primeira tem uso mais restrito, que se caracteriza como uma linguagem de identificação e de defesa, buscando comunicação. E o segundo tipo, é amplamente difundido. Gonçalves (2010) explica que a gíria sofreu um preconceito linguístico desde seu surgimento, mas que atualmente está havendo uma maior aceitação da sociedade em geral pelos seus falantes, como os adolescentes. Segundo o mesmo autor, a juventude é reconhecida como um período em que uma nova identidade se forma e essa identidade irá se configurar conforme o ambiente em que vive, o contexto familiar e as experiências individuais. Com isso, nota-se que esse meio de construção e renovação da linguagem faz com que as palavras antigas sejam reafirmadas, reciclando os seus significados, permitindo a imersão dessa nova gíria de maneira mais utilizada na sociedade.

Sabendo que a criação e a propagação das gírias são feitas através da interação social, de relacionamentos. Conforme o dicionário da língua portuguesa, a palavra relacionamento significa: “capacidade de conviver ou comunicar com outras pessoas” (COSTA e SAMPAIO, 1999). Com isso, conclui-se que, para que uma gíria seja difundida, tornando-a gíria comum, é necessário haver relacionamentos. Contudo, sabe-se que existem inúmeros tipos de relacionamentos interpessoais, e que há diversas gírias utilizadas nos seus mais diversos tipos, como, por exemplo: no âmbito escolar, social, de trabalho, amoroso, entre outros. Este último tipo de relacionamento é caracterizado pelo envolvimento de duas pessoas que se identificam, se sentem atraídas ou que são apaixonadas uma pela outra. (OLIVEIRA et al., 2007).

Observa-se que o jovem ao vivenciar relacionamentos recorre às gírias para nomeá-los, e diante do que foi exposto a presente pesquisa teve como objetivo analisar como os jovens nomeiam, utilizando gírias ou não e descrevem suas vivências afetivas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de corte transversal de abordagem qualitativa, realizado numa Instituição de Ensino Superior (IES) particular, situada na cidade de Recife-PE, Brasil. O quantitativo de sujeitos foi delimitado pelo critério de saturação de conteúdo, isto é, o pesquisador não inclui novos participantes e interrompe a coleta de dados quando os conteúdos de fala se repetem ou são redundantes (FONTANELLA et al., 2008).

Na coleta de dados utilizou-se de questionário sociodemográfico e entrevista realizada via Google Meets (em virtude de ter sido realizado em período de pandemia), contendo perguntas disparadoras sobre o tema. Para que o sigilo da identidade pessoal dos participantes fosse preservado, utilizou-se de nomes fictícios.

A divulgação do estudo para a captação dos participantes foi realizada presencialmente pelas pesquisadoras durante a semana acadêmica, seguindo todas as normas de cuidados sanitários em relação ao Covid-19, como a utilização do álcool em gel, máscara, e distanciamento social.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, sugerida por Bardin (2011), consistindo em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, sendo essa última composta pela inferência e a interpretação.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Pernambucana de Saúde, aprovada sob parecer n.º 5.173.310 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de n.º 54267221.1.0000.5569. Todos os entrevistados foram convidados, informados e concordaram em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo um total de 21 estudantes matriculados nos cursos de Psicologia (71,4%), Medicina (23,8%), e Farmácia (4,8%). A idade variou entre 18 e 25 anos. Em relação ao gênero, 66,7% se declararam como feminino, 28,6% masculino e 4,8% não binário. Referente a religião adepta, 42,9% são católicos, 19% espíritas, 14,3% evangélicos(as), 14,3% agnósticos(as), 4,8% ateu/ateia e 4,8% não possui religião. Sobre a renda mensal dos participantes observou-se que 33,3% não desenvolviam atividade remunerada, 28,6% referiram renda de três ou mais salários mínimos, 19% renda menor que um salário mínimo, 9,5% renda de dois salários mínimos, 4,8% um salário mínimo e 4,8% não informaram a renda mensal. A respeito da definição do *status* de relacionamento, todos os participantes denominam-se namorando.

Os achados do presente estudo, com relação a escolha do curso de graduação, são semelhantes aos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (BRASIL, 2020), as matrículas na educação superior nos últimos dez anos cresceram 35,5%. Sendo a rede privada a que vem em ascensão nesse âmbito, especificamente entre os anos de 2019 e 2020, onde suas matrículas aumentaram 3%, garantindo também uma participação de 77,5% no ensino superior. Referente aos cursos mais procurados na área da saúde, em instituições privadas, observa-se maior prevalência de matrículas nos cursos de Enfermagem, seguidos de Psicologia (242.595), Fisioterapia, Medicina (125.712); e por fim Farmácia, que se encontra em sétimo lugar, com 108.788 matrículas (SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

Em relação à idade dos participantes, os resultados coincidem com o estudo de Guimarães (2013), que ressalta que a maioria dos ingressantes nas graduações está entre a faixa etária dos 17 aos 24 anos, com a pesquisa realizada por Salata (2018) que revela o aumento de 7,3% para 22,2% do número de matriculados nessa faixa etária.

Quanto ao gênero, a maioria dos participantes se declarou como feminino. Esse achado reforça a pesquisa de Barros e Mourão (2018), onde percebe-se mundialmente a prevalência do gênero feminino, especificamente na faixa etária da amostra, no ensino superior. No tocante a isso, Haddad et al. (2010) analisou 14 cursos da área da saúde, e concluiu que as mulheres eram maioria em todos os cursos, exceto Educação Física. Quanto a esse fenômeno, Matos et al. (2013) denominaram de feminização, que consiste no crescimento do público feminino em áreas que, historicamente, os homens predominavam. Tais achados, também podem ser explicados tendo como base os resultados da pesquisa de Dwyers et al. (2016) onde o maior número de pessoas escolarizadas eram as mulheres, em comparação aos homens. Esse estudo também concluiu que 21,7% delas ingressaram no ensino superior.

Acerca da religião afiliada dos universitários, identifica-se na literatura, a investigação realizada por Ferreira et al. (2018) que confirma os dados obtidos ao destacar que a maioria dos estudantes do ensino superior, na área da saúde, denominam-se católicos (43,2%). Apesar disso, contrário aos achados do presente estudo, essa mesma autora refere que 27,9% não se declararam adeptos de nenhuma religião. Os demais dados, salientam os afiliados ao espiritismo, religião que vem ascendendo no país (1,3% – 2%) seguida de pessoas que não são possuem nenhuma religião (7,4% – 9%) que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denomina de agnósticos e ateus (Filla e Fantini, 2016); e por fim, têm-se os adeptos à religião evangélica cuja quantitativa foi menor em todas as pesquisas citadas.

Referente à renda mensal, observou-se que o grupo de participantes do estudo relatou possuir renda inferior aos dados referentes a renda apresentados no Mapa do Ensino Superior de 2020 publicado pelo Instituto Simesp onde, 29,0% dos alunos possuem renda familiar per capita de até 0,5 salário mínimo, 27,3% dispõem de 0,5 a 1 salário mínimo, 35,2% detém de 1 a 3 salários mínimos, 7,4% apresentam de 3 a 8 salários mínimos e 1,0% possuem 8 salários mínimos ou mais. Também diferem dos dados apresentados no estudo de Ristoff (2014) quando este informa que 7% das famílias brasileiras possuem renda superior a 10 salários mínimos.

No tocante à análise qualitativa, perante o conteúdo das falas, emergiram quatro categorias temáticas nomeadas da seguinte forma: 1. Definição e importância do relacionamento afetivo; 2. Comentando sobre as gírias e os relacionamentos afetivos; 3. Importância das gírias relacionadas ao relacionamento afetivo; 4. Contribuição social das gírias. Tais categorias serão apresentadas e discutidas a seguir:

Definição e importância dos relacionamentos afetivos

No grupo estudado, os participantes definiram relacionamento afetivo como afeto, sentimento, processo natural que se inicia por conhecer, seguir para o namoro, desejo de constituir família e procriar. Como é possível identificar nas falas a seguir:

“(...) é, afeto envolvido no meio, (...) ter é...um sentimento por aquela pessoa, independentemente de ser bom ou ruim (...)” – Gabriela Dornellas, 18 anos

“(...) acho que é um vínculo afetivo que existe, mas existe várias formas de se manifestar (...)” - Suzana, 25 anos

“(...) Acho um processo natural, assim, da vida. De a pessoa se conhecer, da pessoa ficar, da pessoa depois namorar...” - Lara, 23 anos

“(...) é meio que natural da gente essa...vontade de procriar (...) por formar famílias, e dividir espaços.” – Osvaldo José, 24 anos

“(...) as pessoas da nossa geração elas ainda têm, ou voltaram a ter, aquele sonho de tipo... ter um relacionamento duradouro, de casar. (...)”- MS, 23 anos

“(...) os relacionamentos afetivos são essenciais. Não tem como se constituir como ser humano sem essa troca com outro. (...)” - Brenda, 23 anos

“(...) são necessários para nossa vivência como ser humano mesmo, sabe? Como sociedade. Porque a gente acaba se desenvolvendo e criando sistemas com base nos relacionamentos (...)” - NC, 25 anos

No que se refere aos participantes terem citado as relações como permeadas de afeto, remete ao conceito de afetividade — conjunto de emoções, sentimentos, paixões e estados de humor — uma dimensão psíquica e constitutiva do ser humano, como ressalta Dalgarrondo (2018). Esse conceito é observado na pesquisa de Almeida e Mahoney (2014), quando mencionam que esta é uma capacidade do sujeito em ser afetado a partir das situações que vivencia. Logo, sendo parte do sujeito, suas relações, conseqüentemente, serão permeadas pela afetividade.

Como exposto, o público analisado relata haver um tipo de vivência afetiva envolvida nos relacionamentos por eles nomeado como sentimento. De acordo com a literatura, o sentimento é um fenômeno que repercute mais na psique do que no somático, sendo mais estável do que as emoções, associado ao intelecto como os valores e representações (DALGALARRONDO, 2018). Os participantes afirmam que o sentimento envolvido pode ser “bom” ou “ruim” e os relacionamentos amorosos definem-se independente de ser um ou outro, apesar de que, quando se envolve afetos negativos as relações são prejudicadas, bem como a saúde mental dos sujeitos, como visto nos achados de Schlösser (2014).

Os resultados do presente estudo, também remete aos achados da pesquisa desenvolvida por Machado e Romanha (2020), que discorre sobre como os relacionamentos amorosos fazem parte do cotidiano do ser. Assim como os achados de Pinto (2014) sobre o indivíduo possuir a capacidade de relacionar-se, especificamente com os outros, de forma voluntária e consciente, possibilitando a formação de vínculos afetivos.

As falas dos participantes caracterizaram as relações afetivas como um processo natural, vínculos. Tais falas, possibilitam pensar sobre o conceito de Apego como descrito por John Bowlby. O autor descreve que as relações estabelecidas entre humanos têm o propósito de obter

segurança pessoal que se iniciam no ambiente familiar, expande para as amizades e por fim direciona-se a um par amoroso, podendo se manifestar através das relações sexuais e parentais, como identificado na pesquisa de Rodrigues e Chalhub (2009). E no que se refere ao desejo de procriar, é possível supor que este é importante para a manutenção destas relações de acordo com Féres-Carneiro e Jablonski (2005).

Quando os participantes comentam sobre vivenciar um afeto pelo outro, nomeado como sentimento, como par romântico, os mesmos estão referindo a vontade de vivenciar uma relação duradoura através do casamento, comum diante da presença do sentimento de amor (Schlösser, 2014). Esse amor é um requisito citado por de Féres-Carneiro e Jablonski (2005) como importante para que um relacionamento seja saudável e duradouro, contudo, em sua ausência aponta para o fim da relação.

Um outro achado nas falas do grupo estudado revelou o desejo de casar, ilustrando resultados do estudo realizado por Zordan (2010) que comenta sobre o desejo dos jovens de se casarem, embora a autora também tenha afirmado que este objetivo não é mais visto como primordial, em razão de que o amor não é pensado na contemporaneidade como romântico, eterno e exclusivo.

Os participantes também comentaram sobre as relações afetivas tendem a serem duradouras. De acordo com esse achado, é possível pensar que os jovens estão tendenciosos a reviver experiências dos casais de gerações anteriores. Na literatura Féres-Carneiro e Jablonski (2005) referem esse fenômeno como sendo um “renascer” do relacionamento duradouro contradizendo a contemporaneidade.

Outro estudo realizado por Smeha e Oliveira (2013) aponta para outra direção e comenta que por meio dos padrões das relações atuais que são de curta duração, observa-se uma constante troca de parceiros. Esses achados não foram identificados nas falas dos participantes do presente estudo.

Quando os participantes na presente pesquisa falam que os relacionamentos afetivos são essenciais para constituição do ser humano por meio desse tipo de troca, inclusive como ser grupal, reforçam os achados do estudo de Machado e Romanha (2020) cujos resultados concluem que, os relacionamentos asseguram a sobrevivência do indivíduo. Consoante a esses dados Santos, Lima et al. (2017) destacam a questão natural da sociabilidade do sujeito e o viver em grupos, uma vez que, é a partir deste comportamento que se poderá adquirir o conhecimento sobre si mesmo, sobre o outro e do meio em que se vive, pois, é com isso que os caminhos para as vivências se formam, enquanto se constituem os vínculos.

Quando o grupo estudado comenta que as relações possibilitam a organização dos sistemas sociais, estão ratificando os achados de Pereira et al. (2019) quando afirmam que os relacionamentos propiciam a constituição de sistemas que, conseqüentemente, levarão à

organização do social, explicado na pesquisa de Leitão (2006) como modos de construção que levam o indivíduo a definir sua forma de viver e conviver com os demais ao seu redor.

Comentando sobre as gírias e os relacionamentos afetivos

Os relatos dos participantes sinalizaram como gírias “ficar”, “pegar”, “peguete”, “ficante”, “*crush*”, considerando-as como denominações comuns, impróprias, superficiais, denotativas que mascaram a dificuldade de assumir um relacionamento, diminuindo-o. Contudo, referem que as mesmas possuem um aspecto de nomeação adequado, podendo gerar uma relação afetuosa saudável, a depender de seu uso.

(...) "peguete", "ficante" (...) "crush"... (...) Eu sempre achei "peguete", por exemplo, mais...um pouco "denotativo" (...) - Chuck Norris, 19 anos

(...) Eu particularmente não gosto muito, porque você acaba diminuindo o que é o relacionamento (...) acho que nomeia sim adequadamente, apesar de eu não achar adequado é... fazer isto. (...) É... nomear é ok, só que é... o que eu acho certo não seja isso (...) - Malu, 24 anos

(...) "ficar" existe também. "Pegando" é... — Eu não gosto muito, acho muito superficial (...) é normal, mas eu acho muito... estranho. Acho que é uma denominação imprópria (...) quando se é feita com o coração, acredito que...sim...pode ter uma boa relação afetuosa... - Lucas, 21 ano

(...) É como se quisesse assumir as partes, é...da relação que fossem convenientes pra essas pessoas (...) é nessa questão de não querer assumir algo de verdade, e querer...meio que maquiagem, usando alguns termos eu não acho tão positivo. (...) - Antônio, 24 anos

Apesar dos participantes afirmarem o uso comum e adequado do vocabulário das gírias, eles consideram seu uso como uma forma denotativa, imprópria e superficial, reduzindo o vínculo afetivo a relações por conveniências. Tal comportamento pode resultar no que Schlösser (2014) fala sobre a possibilidade de, a partir disso, levar a ocorrência de conflitos e dificuldades nos relacionamentos, gerando um sofrimento psíquico nos sujeitos envolvidos.

Referente a esta questão tem-se a reflexão de Gonçalves (2010), que considera as gírias como um retrato da realidade de quem as cria e usa. Quando os participantes nomeiam o uso da gíria como superficial, apontam para o que Ferraz Filho (2013) relata sobre a superficialidade transbordar características próprias da modernidade, onde as relações são desconstruídas facilmente e nada é concreto. O mesmo autor reflete sobre como a sociedade imediatista atual evita o aprofundamento de seus vínculos, por tal ato ser percebido como perda de tempo, visto que as pessoas se inserem em relações mais fúteis e construídas em bases frágeis, resultando em ligações fluídas e não duradouras. Em consonância com o que já foi referido, Leite et. al. (2020) justificam que, dessa forma, a superficialidade promove a valorização da fuga dos sentimentos

profundos, ou mesmo ao não estabelecimento de sentimentos íntimos em função da facilidade de apegar-se e desapegar-se nas relações atuais.

Os participantes também acentuaram que, quando se há um afeto por trás do uso da gíria, para além dos objetivos caracterizados como denotativos, acreditam que um relacionamento saudável pode constituir-se, apesar de outras falas discordarem. É importante ressaltar que, segundo Schlösser (2014), um relacionamento saudável e maduro pressupõe correspondência às necessidades afetivas, sendo permeados de uma comunicação ativa, apoio afetivo, proximidade, intimidade, expressão de sentimentos de vínculo, reciprocidade de afetos e sexo.

Quando nas falas, os participantes citam que as gírias têm a função de maquiagem a qualidade dos relacionamentos ilustram o que Silva (2008) comenta sobre o objetivo das gírias de representar o que é oculto. Com isso, podemos dizer que a gíria pode ser utilizada na comunicação entre pares e grupos, para ocultar, disfarçar ou diminuir suas verdadeiras intenções, o que Rector (1975) chama de dissimulação, uma das funções das gírias, mantendo-as superficiais.

Importância das gírias relacionadas ao relacionamento afetivo

A partir das falas identificadas, os participantes destacam a importância das gírias, visto que, segundo os mesmos, estas contribuem para caracterizar a geração onde estão inseridas. Contudo, há uma discordância quanto a utilização das gírias para definir os relacionamentos afetivos, pois como pode ser observado nos recortes abaixo:

(...) Eu acho normal (...) acho natural (...) pode ser vista assim como um ponto negativo (...) no sentido (...) de não tá especificando (...) o que você tem com aquela pessoa.... - Lara, 23 anos

(...) É uma manifestação do... dos tempos da gente (...). Acho que depende do contexto em que elas são usadas (...) às vezes eu fico um pouco confusa assim, o que que elas querem dizer (...). (...) Às vezes eu fico na dúvida assim, nem sempre dá pra descrever o quê que é...É... justamente por achar que hoje em dia não ter tantas regras (...). - Suzana, 25 anos

(...) mas quase faz parte do...do vocabulário popular. Assim, pra mim é...só formas de expressar a outras características (...) Acho que é normal, do dia a dia. (...) de formas gerais, positivas. (...) podem ser usadas de forma inadequada, mas eu acho que não é uma questão da gíria, mas sim da pessoa e da forma que ela tá utilizando... - Osvaldo José, 24 anos

(...) elas tendem a rotular (...) o relacionamento. (...) às vezes você fica assim na ansiedade de saber qual o status do seu relacionamento baseado nessas gírias. (...) elas podem atrapalhar sim, se você ficar nessa ansiedade pra talvez adquirir uma gíria que defina o relacionamento e ainda (...) não saber qual é a gíria (...) isso pode uma certa ansiedade e prejudicar. (...) - Julia, 24 anos

Sabe-se que a utilização das gírias são características da geração atual, em razão de que, Rector (1975) traz a definição de gíria como uma linguagem que mostra o modo de vida daqueles que se utilizam dela e a criaram. Neste caso, tal vocabulário demonstra a vivência da juventude,

descrita por Gonçalves (2010) como um período marcado pela formação de uma nova identidade que irá configurar-se a partir das relações familiares, ambientais e pessoais. Como trazido pelos participantes, a gíria é comum, visto que se trata de um vocabulário utilizado por diversos grupos na sociedade, podendo ser amplamente difundida - “gíria comum” ou ser uma “gíria de grupo”, quando utilizada para identificação e defesa (Preti, 1984).

Contudo, vale ressaltar que, na perspectiva de Silva (2008) a gíria comum já é, de certa maneira, uma negação da própria gíria, pois esta é, em sua origem, uma forma de comunicação secreta e fechada. A mesma autora retrata que este vocabulário também possui a função de identificar e caracterizar as pessoas por sua idade e geração, quando a utilizam ou deixam de usá-la, demonstrando a transformação contínua do tempo e do espaço a que a gíria está sujeita, que neste caso são os jovens.

Ao criar tais códigos, os sujeitos fazem com que venha a surgir a “gíria de grupo” (PRETI, 1984). Apesar disso, este vocabulário não é estático, pois, Silva (2008) mostra que, tal como a língua, a gíria possui variações de tempo e de espaço, visto que são palavras que entram e saem da moda, de tempos em tempos, consoante as mudanças sociais ao seu redor, sofrendo impacto da mídia, da indústria da moda e do cinema. Com isso, a partir do que foi referido pelos autores, as falas trazidas pelo público estudado, revela que a gíria é um meio de construção e renovação da linguagem, fazendo com que as palavras antigas sejam modificadas, sempre reciclando os seus significados, permitindo desse jeito, a imersão dessa nova gíria de maneira mais facilitada na sociedade.

Porém, quando a utilização das gírias na forma de conceituar os relacionamentos afetivos resulta em desconforto emocional, do tipo incerteza, ansiedade, de acordo com os participantes, há um lado negativo ao usá-las devido à indefinição, porque para eles isso leva a presença de sentimentos negativos - caracterizados pela presença da depressão, desânimo, ansiedade, pessimismo, angústia (SCHLÖSSER, 2014).

No que se refere a indefinição do conceito das gírias referente aos relacionamentos afetivos citadas pelos participantes, o estudo de Silva (2008) comenta que a indefinição desses conceitos, inclusive revelada pelas variações de vocabulário e pela linguagem informal, acabam promovendo a manutenção das dúvidas, em vez de saná-las.

Contribuição social das gírias

Verificou-se a partir dos dados coletados que o público-alvo percebe a contribuição das gírias para a sociedade, no que se refere ao objetivo de situar a posição social, o momento em que o relacionamento se encontra, assim como a possibilidade de “despadronizar” configurações afetivas existentes e caracterizar as novas formas de se relacionar afetivamente, como é possível identificar nas falas a seguir:

(...) são tipo, uma posição social, assim que as pessoas têm. (...) são super importante que você consegue entender como aquela outra pessoa vê o relacionamento afetivo dela (...) - **Gabriela Dornellas, 18 anos**

(...) não determina um relacionamento, e sim um status. - **Lucas, 21 anos**

(...) eu vejo como uma construção social. Eu acho que sim, eu acho que facilita na compreensão de quem está ouvindo aonde esse relacionamento tá, em que fase esse relacionamento tá. - **Aurora, 20 anos**

(...) trazer significado aquilo que as pessoas tão vivendo (...) essas palavras são usadas justamente pra dar esse norte (...) em que lugar elas tão, em que nível de relacionamento (...) (...) são mais pra definir mesmo o status da pessoa. - **Roberta, 22 anos**

(...) formas de expressar a outras características (...). (...) ajuda a nomear mais certinho, porque eu acho que o namoro traz um peso a mais e a pessoa não tá namorando porque não quer conhecer pai, ou entrar em família (...) - **Oswaldo José, 24 anos**

(...) acho legal, porque pode ser que, é... algumas pessoas que não queiram ter esses relacionamentos “padrões”, né? O namoro, o casamento, o noivado... Não se sintam representadas pelas palavras que são utilizadas normalmente, né? (...) E se sintam representadas pelas palavras das gírias. Acho que isso pode ser algo positivo. - **MS, 23 anos**

Os achados referentes às falas, refletem o estudo de Oliveira (2006), onde ela discorre sobre a maneira como o indivíduo se comunica. Segundo ela, o tipo de comunicação pode contribuir na definição de seu *status* e de sua identidade perante a sociedade, sendo vista como um “código linguístico” ou uma forma de relação social que pode tanto aproximar quanto distanciar as pessoas.

Em referência às falas dos participantes sobre como as gírias podem contribuir para situar o momento em que o relacionamento se encontra, podemos dizer que o jovem busca o reconhecimento da sociedade, tornando-se um sujeito criador de estratégias próprias que o diferencie dos demais grupos, seja por meio do modo que se veste, se comporta ou até na sua maneira de falar (GONÇALVES, 2010). Baseado nisso, nota-se que, principalmente o jovem, está disposto a ingressar-se e ganhar reconhecimento perante uma sociedade, o que pode levá-lo a modificar tanto os seus comportamentos quanto as suas falas, adicionando novas palavras ao seu vocabulário e percepções em prol desse objetivo. Além disso, Vieira e Stengel (2012) discorrem que na contemporaneidade, não há um código externo que rege as relações amorosas, sendo assim, os sujeitos criam um código próprio, buscando soluções para cada situação vivenciada, como o *status* do relacionamento.

Sabe-se então que, a partir do que já foi exposto, e perante as narrativas dos participantes, as gírias, de acordo com Gonçalves (2010) são um vocabulário que possui uma função também de reciclar o que já se encontra no uso comum, trazendo novas palavras, mas com sentidos e significados já conhecidos pelo todo. Entretanto, Preti (1984) menciona que ela pode ser utilizada

como recurso de agressividade às formas de conversações comuns, estabelecendo assim uma oposição aos valores tradicionais, suavizando a comunicação com o grupo, possibilitando novas formas de configurações amorosas.

Considerando que, atualmente, a gíria compõe o cotidiano, Bezerra et al. (2009) salientam ainda haver um preconceito linguístico envolvendo a gíria devido uma questão mais ampla, o preconceito social segundo Bagno (1999). Isso acontece, pois a sua origem se remete a grupos em situação de vulnerabilidade na sociedade. Todavia, Gonçalves (2010) discursa sobre como há na contemporaneidade uma aceitação por conta da disseminação desta na linguagem, principalmente devido a dinamicidade da sociedade moderna e suas mudanças constantes, como o uso e avanço da mídia social e o abandono/renovação das tradições caracterizadas nas falas supracitadas.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar como os jovens nomeiam, utilizando gírias ou não e descrevem suas vivências afetivas. Participaram jovens entre 18 e 25 anos de uma instituição privada da área de saúde. De acordo com os resultados, é possível compreender que as relações afetivas têm um papel fundamental e que as novas formas de relacionamento resultam no surgimento de expressões com o objetivo de nomeá-las através do uso das gírias, tais como: crush, peguete e ficante.

A gíria, a partir dos achados obtidos, parece ser utilizada não apenas para explicar uma descrição comportamental, mas também possui o objetivo de caracterizar a qualidade e a intensidade da relação.

O que antes parecia relacionar-se com alguém, namorar e pensar em casamento, foi atravessado por novas fases e nomenclaturas, anunciando certa superficialidade, mascaramento de sentimentos e até desconforto emocional. O grande número de gírias objetivando nomear as relações afetivas, embora tentasse instituir uma conformidade, regularidade ou semelhança em seus significados, apontando para uma representação social, no grupo estudado elas apresentam singularidades e especificidades de cada sujeito que a utiliza em suas respectivas relações.

Os achados deste estudo mostraram também a dificuldade dos participantes em estabelecer uma concordância no que se refere ao uso e impacto, revelando ambivalência sobre a adequação e aspectos positivos do vocabulário, assim como suas consequências, considerando alguns deles pejorativos e denotativos.

Os achados da pesquisa apontam aspectos importantes quanto ao uso das gírias nos relacionamentos afetivos e demandam novos estudos, principalmente com o objetivo de promover saúde mental de seus usuários e prevenir que tais gírias se tornem agente promotor das violências nas relações afetivas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. **Afetividade e aprendizagem-Contribuições de Henri Wallon**. Edições Loyola, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, S. C. V.; MOURÃO, L. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/v6X4NdsLGPx7fmpJBCWxsdB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 jul. 2022.
- BEZERRA, M.; MAIOR, A. C. S.; BARROS, A. A Gíria: Do registro coloquial ao registro formal. A gíria: do registro coloquial ao registro formal. **Cadernos do IV Congresso Nacional de Linguística e folologia** [internet], v.3. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html. Acesso em 17 set. 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2020: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_superior_2020.pdf. Acesso em 11 out. 2022.
- COSTA, J. A.; SAMPAIO, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Editora Porto, 1999.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2018.
- DWYER, T. et al. **Jovens Universitários em um Mundo em Transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7351>. Acesso em 13 set. 2022.
- FERRAZ FILHO, L. A. F. O Mundo Líquido: o capitalismo moderno como fator causador da nova era líquido digital. **Caderno de Relações Internacionais**, v. 4, n. 6, 2013. Disponível em: <http://54.94.8.198/index.php/relacoesinternacionais/article/view/225/213>. Acesso em 4 ago. 2022.
- FERREIRA, T. T. et al. Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da saúde e humanas (ligadas à saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. **Revista brasileira de educação médica**, v. 42, p. 67-74, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/949srBS3hRT5ygRgW8YvPrf/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 out. 2022.
- FILLA, Munique Gaio; FANTINI, João Angelo. A construção mutual de discursos intolerantes: ateus, agnósticos e religiosos. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 30, p. 199-223, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6497/4080> Acesso em 9 ago. 2022.
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMVBByhrN/>. Acesso em 7 out. 2022.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Unesp, 1993.

GUIMARÃES, Raquel Rangel de Meireles. The future of higher education in BRIC countries: a demographic perspective. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. 549-566, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/BXzHVTkBz9dzBGrkWhQJkLf/abstract/?lang=en>. Acesso em 21 out. 2022.

GONÇALVES, Gisele Siqueira; MELO, Mônica Santos de Souza. A representação dos adolescentes pelo jornalismo através da linguagem gíria observada na Todateen. In: **Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (Intercom)**. 2010. p. 1-14. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/wp-content/uploads/2018/05/monografia-Gisele-Gon%C3%A7alves.pdf>. Acesso em 11 jul. 2022.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3283>. Acesso em 9 set. 2022.

HADDAD, Ana Estela et al. Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 383-393, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/m7ykk7Bgc3hZGJBNBkM9ZCk/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 set. 2022.

LEITE, Elen Lelis et al. A superficialidade das relações na contemporaneidade. In: **V Congresso em Desenvolvimento Social: Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento, Montes Claros**. Disponível em: https://congressods.com.br/quinto/anais/gt_05/A%20SUPERFICIALIDADE%20DAS%20RELACOES%20NA%20CONTEMPORANEIDADE.pdf. Acesso em 11 jul. 2022.

LEITÃO, Sergio Proença; FORTUNATO, Graziela; FREITAS, Angilberto Sabino de. Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. **Revista de Administração Pública**, v. 40, p. 883-907, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/bDxdSBCWbgBVLxHmDSsDHGR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 9 set. 2022.

LIMA, Roberta de Oliveira Jaime Ferreira et al. Estudo sobre as relações humanas interpessoais de trabalho entre os profissionais de enfermagem: revisão integrativa [Study of interpersonal human relations at work among nursing professionals: an integrative review]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 25, p. 26393, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/26393>. Acesso em 15 set. 2022.

LYSARDO-DIAS, Dylia. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockolm Review of Latin American Studies**, n. 2, 2007. Disponível em: https://www.su.se/polopoly_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS_No2_2007.pdf#page=26. Acesso em 6 ago. 2022.

MACHADO, I.; ROMANHA, R. Dependência emocional nas relações interpessoais em universitários. **Psicologia-Tubarão**, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10425/4/DEPEND%C3%A7%C3%A3O%20EMOCIONAL%20-%20Artigo%20Isadora.pdf>. Acesso em 6 ago. 2022.

MATOS, Izabella Barison; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti; OLIVEIRA, Maria Conceição de. Profissões e ocupações de saúde e o processo de feminização: tendências e implicações. **Athenea digital: revista de pensamento y investigación social. Barcelona. Vol. 13, n. 2 (jul. 2013), p. 239-244, 2013**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/118035>. Acesso em 10 out. 2022.

MINAYO, Maria C. Pesquisa social: teoria e método. **Ciência, Técnica**, 2002.

MOSCOVICI, Serge. La representación social: un concepto perdido. **El Psicoanálisis, su imagen y su público**, v. 2, p. 27-44, 1979. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32383883/Mosvici_cap_1_Psicoanalysis-libre.pdf?1391586552=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DIEP_Instituto_de_Estudios_Peruanos_LA_RE.pdf&Expires=1675461042&Signature=ZamFGLbJJu0y4xsSnCmQbU~~35536yeVc9iHfai37hdsc7RiTFHSv5pkZWlZrZz2Md0rEgs16HK~a4XR1VUWPObDJ8G~Z5MrGhnzzg2OvGL3Y59Bx657uTazuZkDeN9x5sdDbfelOGwA6FAHF8ex8mVNMheULYrUH1vjC~M1Mjtb2mFjWOcnee770k37kNk9jLPt3RMdEERKTwGG-zki3ZCoYx2bMYL8Dv~vZa9W3HteTEbhO7ADwnzGTLYxmMAS~tNWwHRhb25xLyU5po0~3juExsGzNhvglsljS~YKajVtUEw5nqM6FWAkPdQDQUMbUUIWbNDJorocORqR9~W5Q_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em 11 jul. 2022.

OLIVEIRA, Denize Cristina de et al. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, p. 497-502, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Zk5FhdySJCJcWNMKBmMy8sF/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 jul. 2022.

OLIVEIRA, M. L. T. **A gíria dos internos da FEBEM**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/14382/1/Maria%20Luciana%20Teles%20de%20Oliveira%20com%20protecao.pdf>. Acesso em 15 jul. 2022.

PEREIRA, Thais Josgrilberg et al. Fatores que interferem na qualidade dos relacionamentos interpessoais de alunos de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Sr4kkQKtmvY3DjFMfwZDbyL/?lang=pt#:~:text=Avaliar%20se%20sexo%2C%20idade%2C%20ano,interpessoais%20de%20alunos%20de%20enfermagem>. Acesso em 14 jul. 2022.

PINTO, M. de F. R. **As relações interpessoais e a aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) – Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba. 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/10249/PDF%20-%20MARIA%20DE%20F%20c3%81TIMA%20ROQUE%20PINTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 out. 2022.

PRETI, D. A Gíria: um Signo de agressão e defesa na sociedade. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T.A. Queiroz/ EDUSP, 1984.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolingüística**. Editora Vozes, 1975.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 19, p. 723-747, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/yQz6tVyGStDkzSMZcVpkTbT/>. Acesso em 11 out. 2022.

RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. **Amor com dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Jorge Amado, Salvador. Bahia, 2009. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0155.pdf>. Acesso em 15 set. 2022.

SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO (SEMESP). Mapa de Ensino Superior no Brasil. 10. ed. São Paulo: Instituto Semesp,

2020. <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10>. Acesso em: 10 de out. 2022.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-45, Aug. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872013000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 15 set. 2022.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso?. **Tempo Social**, v. 30, p. 219-253, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/WJjnYYS6fDhpDgMFVzqbP7L/abstract/?lang=pt>. Acesso em 7 nov. 2022.

SCHLÖSSER, Adriano. Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, p. 17-33, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003. Acesso em 15 set. 2022.

SILVA, A. F. **Gíria: linguagem ou vocabulário?**. Revista Philologus, v. 14, n. 41, p. 35-48, 2008. Disponível em: http://filologia.org.br/revista/41/giria_language_ou_vocabulario.pdf. Acesso em 11 jul. 2022.

VIEIRA, Érico Douglas; S STENGEL, Márcia. Ambiguidades e fragilidades nas relações amorosas na Pós-Modernidade. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/22338>. Acesso em 8 ago. 2022.

ZORDAN, Eliana Piccoli. **A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos**. 2010. Tese (Programa de Pós Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.